

Estado atual das letras no Paraná

Temístocles Linhares

Meu companheiro de leituras chegou a mim como quem não quer nada e, a queima-roupa, me arremessou esta pergunta estatelante:

– Como é que você explica, na sua condição de crítico que tem obrigação de enxergar melhor do que o comum dos mortais, por que a literatura no Paraná não está em consonância com a sua pujança econômica, o seu surto desenvolvimentista? Por que o Paraná ainda não deu o seu grande romancista? Sendo assim, é possível falar na existência de uma literatura paranaense, como querem alguns espíritos sequiosos de afirmação? Afinal de contas, o ócio criador, em matéria artística ou literária, não pressupõe sempre um estágio de bons negócios, esses negócios que o Paraná vem propiciando tão esplendidamente? Quais são, em suma, os grandes escritores que o Paraná revelou ao Brasil nestes últimos anos, na poesia, na ficção, no ensaio, na crítica, para não sairmos do plano literário?

Meio atordoado com o inesperado da pergunta, a envolver tantas indagações reflexivas, não fiz mais, de início, do que procurar responder evasivamente, com os subterfúgios que sempre ocorrem nessas ocasiões:

– Ora, a literatura no Paraná vai bem, obrigado. Já não nos deu ela o maior contista que temos no Brasil, Dalton Trevisan? Você por acaso põe em dúvida essa constatação? Já não está ele consagrado como o contista de sua cidade, desta Curitiba, que é minha, que é sua,

que é de todos os paranaenses, de todos os brasileiros e estrangeiros que ela abriga sob a sua custódia protetora e amiga?...

O entusiasmo me dominava, pois me parecia já ter encontrado o caminho a seguir, quando meu companheiro, mais prevenido, resolveu logo interromper-me, para pôr água fria na fervura:

– Por essa resposta eu já esperava. Todos sabem que Dalton Trevisan é o grande escritor do Paraná. Mas só ele, por maior que seja a sua projeção no âmbito nacional e até no internacional, convenhamos, não justifica a existência de uma literatura paranaense, como expressão de um caráter e uma comunidade, como manifestação concreta e irredutível de toda uma experiência existencial peculiar, que represente a variação ou a diversidade regional dentro da unidade nacional brasileira. Uma literatura, em suma, que seja o veículo insubstituível das formas possíveis de existência já alcançadas pelo homem do Paraná, pela vida paranaense. Não me refiro à pura reação vital, nas diferentes expressões da vontade, da imaginação ou mesmo do caráter, mas sim às formas concretas e práticas de existência como afirmações da realidade inerente ao próprio *ser* paranaense. Existe o *homem paranaense* como existe o *gaúcho*, o *mineiro*, o *nordestino*? Essa a primeira questão a averiguar, não lhe parece?

Acicatado na minha vaidade natural, não hesitei em replicar:

– O *homem paranaense*, ou melhor, o *paranaensismo* existe como traço específico que já nos distingue dentro da comunidade social brasileira. Já é tempo de proclamá-lo.

– Proclamar só não basta. É preciso prová-lo. E prová-lo através de alguma coisa de concreto. Através da psicologia cultural ou, para ser mais exato, de uma literatura que nos revele a presença de outra realidade ainda mais fundamental, ou seja, a própria noção de existência transformada em atos e posições concretas, capazes de definir a personalidade e revelar a natureza de sua têmpera. Existe essa personalidade no paranaense e no Paraná?

– A personalidade já existe e a prova está nesse Paraná vivo e na comunhão de ideais, tradições e aspirações existentes na sua gente.

– Pode ser, mas, em sã consciência, temos de reconhecer que ainda é cedo para falar numa literatura autenticamente paranaense, paranaensizada como você diz ser já essa personalidade comunal.

– Talvez seja mesmo ainda cedo para se falar na existência dessa literatura, mas a ela, tenho esperança, chegaremos dentro em breve.

– Já era tempo de fazê-lo, creio.

– Preparamos o terreno. As vocações de escritor não nascem da noite para o dia. Temos já muitas faculdades de letras, espalhadas em todo o Estado, e delas, estou certo, surgirá algum fruto. A riqueza econômica, alicerce indispensável, existe, é uma realidade, você não pode negar.

– Tenho dúvidas nessa parte, contrariando até os postulados tão em voga da estética marxista. Não creio muito que a literatura sofra qualquer influência da riqueza ou da prosperidade econômica. Lembro-me a propósito de uma conversa que tive há tempos com um grande crítico brasileiro, natural do Nordeste, que me fazia perguntas acerca do Paraná, se era mesmo verdade o que então se dizia de suas possibilidades e empreendimentos no campo econômico. Respondi-lhe que sim, que o Paraná realmente crescia, se desenvolvia, seguindo as pegadas de São Paulo. Ele parece ter ficado satisfeito com a resposta, pois completou logo o seu pensamento: *Enquanto vocês, no Sul, fornecem divisas ao Brasil, com os capitães de empresa à frente, nós, do lado de cá subdesenvolvidos, causticados pela inclemência da seca, da subnutrição e até da fome, lhes damos poetas, romancistas, sociólogos, críticos, seguindo, aliás, a linha principal de nossa evolução histórica.*

– É a velha querela inaugurada por Franklin Távora, sob o título meio pretensioso de *Literatura do Norte*, que mais tarde, na década de 30, deste século, outro autor, um francês, sob o impulso de sua proverbial exageração esquematizadora, em outros aspectos, pretendeu sintetizar num ensaio de interpretação denominado *Os dois Brasis*. Hoje, porém, nem o Nordeste é apenas celeiro de escritores, com o desenvolvimento já à vista, nem o Sul é meramente aquele *instrumento produtivo*, de relações econômicas e técnicas de que o Brasil carece. Tudo mudou e evoluiu. Começa que a crítica da história se faz com a história. E esta que é que nos mostra, em relação ao Paraná e à literatura?

– Você quer dizer com isso que o Paraná possui uma tradição literária? Que o Paraná tem já uma bússola nos desorientados tempos atuais?

– Por que não? Não sei se devemos falar em bússola, mas podemos, sim, falar em alguma tradição, conquanto tenha sido o Paraná região das mais novas a serem exploradas no país. Se não vejamos. Literariamente, podemos demarcar a data de seu nascimento no Simbolismo. Não preciso, acredito, insistir muito nessa parte, uma vez que Curitiba, em torno da revista *O Cenáculo*, se fez um dos mais fortes bastiões do movimento. Foi aqui mesmo que o movimento se distendeu por todo o país, tanto no campo das suas figuras

representativas, como no das situações, unindo o genérico ao individual. Os momentos determinantes, humana e socialmente essenciais, de tal período para aqui é que confluíram e aqui se fundiram. Até Cruz e Sousa, que não era paranaense, sofreu a influência do estado de espírito aqui criado.

– Como assim?

– Não teve ele em Nestor Victor o seu maior amigo e um de seus maiores críticos?

– Mas Nestor Victor já vivia então no Rio de Janeiro e foi na ex-capital, creio, que ele o amparou e o estimulou. O movimento simbolista surgiu da inquietação desencadeada pela revolução de 93, se não estou enganado.

– E o Paraná, por acaso, não foi o maior cenário dessa revolução? O movimento simbolista partiu do Paraná. Talvez tenha atingido o seu maior esplendor no Rio de Janeiro, para onde convergiam sempre, tanto do Norte como do Sul, todas as vocações de escritor da Província. Mas o movimento partiu do Paraná. Não me parece haver mais nenhuma dúvida a respeito. Graças, pois, à ação de Nestor Victor, que se tornou logo o seu melhor crítico, é que podemos hoje estabelecer as linhas essenciais da corrente dominante nas letras e concebê-la em orgânica fusão com o momento histórico e social que então vivíamos.

– Nestor Victor, realmente, parece encarnar o *homem total* da época. Mas ele já passou, figurando na história da literatura brasileira na sua fase de angústia metafísica, que também passou.

– Aí é que você se engana. O lamentável é que ainda não se tenha feito a devida justiça a esse crítico, considerado até por muitos paranaenses de homem casmurro, metido consigo mesmo, embora Tasso da Silveira e Andrade Muricy, dois ilustres remanescentes do movimento, tenham procurado corrigir as deformações em que se fundavam tais opiniões. No entanto, já no fim de sua carreira, Nestor Victor foi dos primeiros a se aproximar dos *novos*, dos que haviam de se insurgir contra as mutilações do homem brasileiro e preparar a eclosão do Modernismo entre nós. Aí estão para comprová-lo os seus livros, hoje preciosos no estudo dos antecedentes do movimento, *Cartas à Gente Nova* e *Os de Hoje*, que já entremostam o calvário moderno da *totalidade* do homem, para usarmos de linguagem mais próxima de nós.

– É possível, mas acontece que Nestor Victor morreu em 1932, há perto de quarenta anos, portanto!

– Mas nem por isso ele deixa de merecer releitura, sobretudo para os que querem ver a literatura em si mesma, à luz de qualquer critério esteticista. O seu atualismo, nesse sentido, é flagrante.

– Mas daí por diante que é que houve no Paraná literário de mais expressivo?

– Bem. O Modernismo não passou despercebido nestas bandas, se bem que não desse nenhum grande nome. Ainda assim é lícito lembrar o de um poeta, Correia Júnior, autor do *Enxu de Manda-saia*, além do talento combativo de Jurandir Manfredini, hoje voltado para a psiquiatria.

– Era, na verdade, pouco expressiva a posição dos escritores paranaenses, dentro do movimento, como também da vida circundante e dos problemas gerais que o Estado vivia, no início da obra de construção do grande Paraná de hoje. O *pathos artístico* de que eles se alimentavam estava longe de corresponder a qualquer aderência profunda à concepção do mundo entrevisto, a uma adequada expressão da natureza e do destino por que então já se empenhava o povo desta região brasileira, em seus anseios de afirmação e transformação em torno de alguma coisa de novo no plano da cultura, sem falar, é claro, nas realizações arrojadas que já se entremostravam no plano material.

– Do ponto de vista cultural ou literário, o processo é outro, obedece a sinais menos exteriores. É mais lento, mais moroso. Ele avança recuando, para se identificar melhor com o modo de ser dos autores, com o objeto que estes expressam, já que ler é tentar recriar no espírito do leitor o que sentiu o autor. Não sei se me faço entender?

– O problema não é esse. Para ser objetivo, o que se impõe é chegar ao estado atual das letras no Paraná. O que estamos fazendo é apenas reviver a tênue experiência já vivida.

– Mas a experiência literária paranaense continua. Nem me parece tão tênue assim. Ela não parou, não estancou. Prossegue, por exemplo, na poesia de Helena Kolody, que ainda há pouco tempo nos deu a sua *Antologia Poética*, já a exigir longo passeio, em que muitas dádivas nos seriam concedidas: um sorriso de criança, um pouco de sol, o coração singelo que perdoa, a infância sombria, tantos elementos delicados, que concorreriam para a nossa preparação ao ingresso na poesia *sagesse*, de sua última fase.

– Agora, porém, não faz sol, nem nenhuma criança sorri. Estamos já às portas do frio, da bruma, do céu pesado, que nos torna mais meditativos, mais preocupados, mais interessados na nossa evolução interior.

– Então é ler Ernani Richmann, autor desse extenso e denso *Intermezzo Lírico-Filosófico*. Não sei se você sabe que ele é o maior kierkegaardiano do Brasil.

– Mas esse não é paranaense.

– No Paraná, porém, ele se fez, avigorando a sua veia filosófica, como aqui também se fez e se formou o crítico Wilson Martins, nome de primeira grandeza de nossa crítica, hoje em Nova York, a difundir aos estudantes da principal universidade da capital do mundo ocidental a nossa cultura, a nossa história, a nossa literatura, autor, entre outros livros, de *Um Brasil Diferente*, que versa sobre o Paraná, a sua formação étnico-social, que você deve conhecer.

– Conheço-o muito bem, mas na Universidade não existe ninguém? Nessa universidade que se gaba de ser a mais antiga do Brasil. Quais os nomes que atualmente mais se projetam na História, na Sociologia, nas pesquisas antropológicas, na literatura propriamente dita?

– A enumeração de nomes seria fastidiosa, sem o comentário adequado, mas não me furto a citar alguns: Brasil Pinheiro Machado e Bento Munhoz da Rocha Neto, por exemplo. Eles até já fizeram escola. Menciono como testemunho o livro recente *Campos Gerais – Estruturas Agrárias*, em que avultam os nomes de Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen, com prefácio do segundo e estudo do primeiro, que orientou o trabalho de equipe, de que participaram cerca de nove professores.

– E o que mais?

– Na Universidade o trabalho é silencioso, paciente, beneditino. As aulas se alternam com o trabalho do professor, que quase sempre dispõe de pouco tempo para si, as satisfações mais genuínas de seu espírito, as suas ternuras particulares a este ou àquele desejo de escrever, de gravar no papel, sob a égide da literatura, os seus problemas, os seus estados de alma, os seus protestos, o seu romance, o seu poema, o seu ensaio, enfim, que ele sempre espera publicar um dia. Vida dura a do professor no seu esforço e dedicação total em favor dos outros, com esquecimento tantas vezes de si mesmo. Ainda assim eu citaria, na poesia, o nome de Adelaide Mattana Villa, que nos promete para breve o livro de seus poemas, muitos deles já divulgados em revistas. Eu faria referência a Miguelina Soifer, que já demonstrou a sua fina sensibilidade de intérprete de poetas e autores internacionais em ensaios que sempre acrescentam alguma coisa de novo ao já dito por outros. Falaria ainda em Cecília Teixeira Oliveira, que se fez doutora em letras, defendendo tese em Bordeaux,

em trabalho referto de pesquisas feitas nas bibliotecas da França e Portugal sobre a figura de Fialho de Almeida. No campo da genética, avulta o nome de Newton Freire Maya, mineiro que já adotamos. Na Zoologia, sobressai o nome de Jesus Moure, um dos maiores *abelhólogos* do mundo. Na Antropologia e Museologia, esse trabalhador incansável que se chama Loureiro Fernandes, sobejamente conhecido nos círculos científicos brasileiros. Na História – e sobretudo na história do Paraná – não seria permitido esquecer David Carneiro. Assim como também Newton Carneiro, que alia aos seus dotes de pesquisador o mais fino gosto artístico. E quantos mais? Na Filologia, o nome de Rosário F. Mansur Guérios. Na Psicologia, o de Pórcia Guimarães Alves. Em Literatura ainda, o interesse e a dedicação de Cassiana Lacerda.

– Bem. Isso em Curitiba, na capital do Estado. No interior, está visto, não há o mesmo grau de amadurecimento, de arejamento. Refiro-me mais ao ambiente.

– O que posso garantir-lhe é que em Maringá e Londrina, onde existem faculdades de letras, o entusiasmo ainda é maior. Há mais fé, a ambição é mais desinteressada. Em Ponta Grossa, na Faculdade de Letras, pontifica (não é esse o termo que se lhe pode aplicar), ensina, sem nenhum ar professoral, sem levantar a voz, o sábio lingüista e poliglota Faris Michaele, que ainda há pouco publicou um dos livros mais curiosos sobre a especialidade: *Arabismos entre os Africanos da Bahia*. Maior amigo da leitura que ele eu desconheço.

– Bem, nesta altura, só me resta louvar o seu otimismo.

– Diante do Paraná, porém, quem não fica otimista?